

SAQUES E DESTRUIÇÃO ABALAM CIDADE-SEDE DAS OLIMPÍADAS DE 2012

Por Juliana Américo

A confusão se iniciou na quinta-feira, 04 de agosto, quando Mark Duggan, 29, foi morto a tiros pela Polícia Metropolitana de Londres (MET), ou *Scotland Yard*, no bairro onde morava, Tottenham, no norte de Londres. Segundo a polícia, o rapaz foi abordado em um táxi por uma unidade que investiga crimes com armas de fogo e houve um tiroteio, no qual ele morreu. Porém, moradores da região, revoltados com o tratamento que a MET impõem aos residentes de bairros pobres, se reuniram, na noite de sábado, 06 de agosto, em frente a uma delegacia para exigir justiça. Nisso, houve um confronto entre policiais e cerca de 300 manifestantes, que resultou no incêndio de um ônibus, um prédio e dois carros de polícia, e pelo menos 11 pessoas feridas.

Nos dias seguintes a revolta espalhou-se para outras regiões de Londres, como Brixton, Oxford Circus, Hackney, Peckham, Lewisham, Croydon, e também em outras cidades da Inglaterra, como Birmingham, Liverpool, Manchester, Nottingham, Salford, Gloucester, Leeds, Bristol, Birmingham, Wolverhampton e West Bromwich; lojas foram saqueadas e quebradas, bombas caseiras foram jogadas contra policiais e residências foram depredadas.

Segundo o jornalista e cientista político, Gianni Carta, os elementos principais que levaram às manifestações eram raciais e econômicos. O primeiro se refere às minorias étnicas, que sofrem preconceitos e moram os subúrbios. O segundo se refere à crise econômica mundial, austeridade, perda de poder aquisitivo, aumento dos impostos das classes média e baixa e diminuição de taxas para a classe alta.

Jovens – Carta explica que neste caso houve uma grande adesão de jovens às manifestações porque eles são os mais afetados pela educação pública ruim (apenas 7% das crianças e adolescentes frequentam escolas privadas), pela alta taxa de desemprego, pela exclusão social e, em minoria, por questões culturais, como o hooliganismo, *skinheads*, gangues e o excessivo consumo de bebidas alcoólicas.

Graças a grande participação de jovens, o governo britânico afirmou que a rede social *Twitter*

Erro de polícia britânica desencadeia insurgência popular na Grã-Bretanha, que termina em onda de incêndios e prisões



Manifestantes em Londres se levantam e colocam cidade em chamas

e o *BlackBerry Messenger* ajudaram na divulgação das manifestações e saques, e na decisão de onde seriam os próximos “ataques”. Mas o cientista político afirmou que esta não era uma manifestação organizada, com um líder ou uma agenda. Mesmo porque quando alguém começa a postar em uma rede social, vários usuários passam a seguir aquele fluxo, mas sem realmente se juntar à ação, ou seja, utilizando o mesmo hashtag (nome do assunto na rede, por exemplo, **#Contraponto**), que acaba dando uma impressão de maior adesão ao movimento.

Scotland Yard – Aos olhos do mundo a polícia britânica tem fama de saber controlar conflitos sem o uso de armas de fogo, mas tem à disposição spray de pimenta, bastões retráteis, gás lacrimogêneo, aparelhos de choque e cães policiais como recursos “não-letais”.



Porém, aos olhos dos imigrantes e pobres, a polícia britânica não deixa de ser violenta e repressora. Como foi no caso do brasileiro, Jean Charles de Menezes, que foi confundido com um terrorista árabe e morreu com oito tiros à queimadura, em 2005, sem ninguém ser condenado até hoje. Além de um caso semelhante ao atual, onde uma mulher foi morta após a polícia ter invadido sua casa em Broadwater Farm, em 1985. Os conflitos causaram estado de sítio na região.

Governo – O primeiro-ministro britânico, David Cameron, defendeu, durante todos os acontecimentos, de que não havia motivo para a manifestação, afirmando que os envolvidos nos distúrbios são criminosos, ladrões e marginais.

Para Carta, o governo está tomando medidas e punições severas por causa dos Jogos Olímpicos de 2012, que acontecerão em Londres. Porém, esta severidade pode ser pior, uma das medidas seria a retirada de casas populares dos pais que tiverem filhos envolvidos com a revolta e as pessoas que participaram das manifestações e que não forem presos deverão limpar as áreas destruídas, e um toque de recolher para áreas específicas, ou menores de 16 anos, está sendo estudado. Além de uma possível restrição no uso de redes sociais.

Mídia – Muitos jornais pelo mundo criticaram a atitude dos manifestantes e usaram as palavras “ladrões”, “baderneiros” e “marginais” diversas vezes, sem analisar corretamente a situação. Chegando até a ofender e irritar entrevistados que apresentavam uma visão alternativa, como foi o caso da *GloboNews*, em que o sociólogo Sílvio Caccia Bava precisou falar em todas as suas respostas que os manifestantes não eram marginais, enquanto os jornalistas faziam questão de usar a palavra “marginal” em todas as perguntas.

Mau jornalismo

O exemplo de televisão pública livre, a rede BBC, chocou o público com uma atitude parcial e desrespeitosa durante uma entrevista com um senhor imigrante e negro. Enquanto Mr. Dowe afirmava “Eles [policiais] sempre param e revistam os jovens negros sem qualquer motivo” e de que o seu filho tinha perdido as contas de quantas vezes havia sido revistado por policiais, a jornalista o interrompeu e afirmou que isso não era “motivo para sair promovendo desordens”.

O entrevistado afirma, então, que as manifestações em Londres não são desordens e sim insurreição popular. A jornalista questiona “Mr. Dowe, eu estou lhe perguntando, o senhor não está preocupado com os distúrbios, então? O senhor tomou parte nos distúrbios?”, ofendido, o senhor exige respeito, pede que ela pare de chamá-lo de desordeiro e diz que não estava dando aquela entrevista para ser insultado. Após essa fala, a jornalista simplesmente finaliza a transmissão, agradece a participação do entrevistado e finge que nada aconteceu.